

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**MARYNA DE MATOS GOMES**

**ESPAÇOS CEMITERIAIS:** análise dos aspectos arquitetônicos no processo de acolhimento  
ao luto

SÃO LUÍS

2022

**MARYNA DE MATOS GOMES**

**ESPAÇOS CEMITERIAIS:** análise dos aspectos arquitetônicos no processo de acolhimento  
ao luto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada  
ao Curso de Graduação em Arquitetura e  
Urbanismo do Centro de Ensino Superior Dom  
Bosco, como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Bacharel em Arquitetura e  
Urbanismo.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ma. Raissa Muniz Pinto.

SÃO LUÍS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Gomes, Maryna de Matos

Espaços cemiteriais: análise dos aspectos arquitetônicos no processo de acolhimento ao luto. / Maryna de Matos Gomes. — São Luís, 2022.

46 f.

Orientador: Profa. Ma. Raissa Muniz Pinto.

Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Curso de Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Arquitetura. 2. Espaços cemiteriais. 3. Humanização.  
4. Processo de luto. I. Título.

CDU 726.8

**MARYNA DE MATOS GOMES**

**ESPAÇOS CEMITERIAIS:** análise dos aspectos arquitetônicos no processo de acolhimento  
ao luto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada  
ao Curso de Graduação em Arquitetura e  
Urbanismo do Centro de Ensino Superior Dom  
Bosco, como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Bacharel em Arquitetura e  
Urbanismo.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Ma. Raissa Muniz Pinto (Orientador)**

Centro Universitário de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB

---

**Prof. Me. Raoni Muniz Pinto**

Centro Universitário de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB

---

**Prof<sup>ª</sup>. Ma. Julyana da Silva Lima**

Centro Universitário de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não sou nada, aos meus pais Andrea e Jean por todos os ensinamentos que hoje refletem em quem eu sou, por sempre me apoiarem durante a minha jornada acadêmica, por toda paciência nesse período conturbado e por todo amor que sempre me deram, e a minha irmã Thays agradeço por está sempre comigo apoiando as minhas decisões e me ajudando. Agradeço também a toda minha família por não medirem esforços pela minha felicidade.

Agradeço especialmente ao meu namorado e companheiro de vida Hugo a quem dedico este trabalho, sem toda a sua dedicação e esforço em me manter firme e a não me deixar desistir nos meus momentos de fraqueza eu não teria conseguido finalizar essa etapa. Obrigada por sonhar junto e a realizar cada sonho comigo.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Ma. Raissa Muniz, agradeço pelo recadinho que me deu no começo da minha jornada acadêmica onde você me fez acreditar que eu era capaz, obrigada por todo ensinamento e inspiração e por todo acompanhamento ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa.

Agradeço às minhas companheiras e amigas durante esses anos, Kianny, Kaluana, Rhebecca e Maria Eduarda. Sem vocês não teria sido tão especial. Obrigada por cada sorriso, desespero, choro, surto e alívio juntas. Agradeço também à minha segunda família, Raissa, Goulart, Lucas, Amanda e a minha sogra Paula, por todo apoio, preocupação, ajuda e amor que recebo de vocês.

*“Desejar ver a vida de outra forma, seguir outro caminho, pois a vida é breve e precisa de valor, sentido e significado. E a morte é um excelente motivo para buscar um novo olhar para vida.”*

Ana Claudia Quintana Arantes

## RESUMO

É válido afirmar que na experimentação e na vivência do luto, as pessoas demandam por ambientes acolhedores e humanos e se faz necessário entender quais os principais elementos desses espaços que traduzem a necessidade de uma investigação mais profunda dos aspectos arquitetônicos e sociais desse tema. Partindo desse pressuposto, a humanização arquitetônica e sua importância dentro dos espaços cemiteriais é um conceito considerado balizador principal desse estudo que visa estabelecer uma relação com o processo de luto vivido pelas pessoas que frequentaram em algum momento esse tipo de ambiente e tem como objetivo central analisar o impacto da arquitetura na percepção de luto dos usuários de espaços cemiteriais. Esta relação se concretizará a partir de uma leitura de um estudo das entrevistas subjetivas de diversos visitantes que traduzem em frases as emoções, experiências e recordações individuais dessas pessoas, traçando, com isso, uma análise qualitativa e descritiva acerca das principais necessidades arquitetônicas dos espaços e como seus elementos estão impactando na experiência dos enlutados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa desenvolvida por meio do método exploratório baseado nos processos de Antônio Carlos Gil e de pesquisa bibliográfica. Entende-se, que nesse sentido o estudo demonstra o potencial da arquitetura humanizada associada aos espaços cemiteriais e promove, conseqüentemente, uma reflexão sobre o significado da vivência das famílias enlutadas e o que está sendo feito dentro das empresas que oferecem o serviço cemiterial. Por fim, visa-se buscar o desenvolvimento de uma consciência crítica que investigue os elementos arquitetônicos na perspectiva do sentimento do luto.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Espaços Cemiteriais. Humanização. Processo de Luto.

## ABSTRACT

It is valid to say that in the experimentation and in the experience of mourning, people demand welcoming and human environments and it is necessary to understand which are the main elements of these spaces that reflect the need for a deeper investigation of the architectural and social aspects of this theme. Based on this assumption, the architectural humanization and its importance within the cemetery spaces is a concept considered the main beacon of this study that aims to establish a relationship with the grieving process experienced by people who attended at some point this type of environment and has as its central objective to analyze the impact of architecture on the mourning perception of users of cemetery spaces. This relationship will be materialized from a reading of a study of the subjective interviews of several visitors who translate the emotions, experiences and individual memories of these people into sentences, thus tracing a qualitative and descriptive analysis about the main architectural needs of the spaces and how its elements are impacting the experience of the bereaved. It is, therefore, a research developed through the exploratory method based on the processes of Antônio Carlos Gil and bibliographic research. It is understood that, in this sense, the study demonstrates the potential of humanized architecture associated with cemetery spaces and, consequently, promotes a reflection on the meaning of the experience of bereaved families and what is being done within the companies that offer the cemetery service. Finally, the aim is to seek the development of a critical conscience that investigates the architectural elements from the perspective of the feeling of mourning.

**Keywords:** Architecture. Cemetery Spaces. Humanization. Grief Process.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cemitério dos Ingleses (cemitério mais antigo do Rio de Janeiro) .....	13
Figura 2: Túmulo de Monteiro Lobato .....	14
Figura 3: Museu Funerário de Viena .....	16
Figura 4: Cemitério popular horizontal (Cemitério do Gavião - São Luís MA) .....	17
Figura 5: Cemitério popular parque (Cemitério Parque Bom Jardim – Fortaleza) .....	18
Figura 6: Cemitério parque (Maringá) .....	19
Figura 7: Necrópole (Cemitério de Santo Amaro – PE).....	19
Figura 8: Cemitério vertical ou columbário (Memorial Fortaleza) .....	20
Figura 9: Cemitério Jardim da Paz .....	29
Figura 10: Cemitério Jardim da Paz .....	30
Figura 11: Crematório Jardim da Paz .....	30
Figura 12: Central de Velórios Jardim da Paz - Anil .....	31
Figura 13: Salvatore Funeral Home - Calhau .....	31
Figura 14: Salvatore Pet – Cemitério e Crematório Pet .....	32
Figura 15: Central de velórios Pax União .....	32
Figura 16: Cemitério Memorial Pax União .....	33
Figura 17: Crematório Pax União.....	33
Figura 18: Cemitério Parque da Saudade .....	34
Figura 19: Cemitério Parque da Saudade .....	34
Figura 20: Capela Cemitério Parque da Saudade .....	35
Figura 21: Cemitério Gavião .....	36
Figura 22: Cemitério Gavião .....	36

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

SINCEP - Sindicato de Cemitérios Particulares do Brasil

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. ESPAÇOS CEMITERIAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Classificação dos espaços cemiteriais.....</b>	<b>17</b>
<b>3. HUMANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ARQUITETÔNICOS.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Arquitetura sensorial .....</b>	<b>22</b>
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>4.1 Participantes .....</b>	<b>27</b>
<b>4.2 Instrumentos .....</b>	<b>28</b>
<b>4.3 Análise de dados .....</b>	<b>28</b>
<b>5. RESULTADOS .....</b>	<b>29</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>46</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O ambiente cemiterial e os discursos relacionados a esse tema são considerados em sua maioria um tabu. Esse aspecto cultural da sociedade acaba em uma falta de diálogo e entendimento de diversas áreas sobre esse seguimento. De acordo com o Sindicato de Cemitérios Particulares do Brasil - SINCEP (2015), o segmento funerário e cemiterial tem demonstrado diversas tendências nos últimos anos, como, por exemplo, o crescimento de demandas por diferenciação nos serviços, inovação, novas tecnologias e novas estruturas arquitetônicas, tal como os cemitérios verticais.

É possível levantar que o setor, apesar de culturalmente mal compreendido, apresenta grande projeção de crescimento. O mercado nacional apresenta uma operação de aproximadamente 5,5 mil funerárias, mil cemitérios privados e 90 crematórios. Além disso, obtém um crescimento médio anual de 8% e no país registram em torno de um milhão de óbitos por ano (SINCEP, 2015).

No que diz respeito ao aspecto arquitetônico, entende-se que o papel do arquiteto e urbanista está amplamente vinculado à experiência e emoções que o ambiente cemiterial e funerário transmite aos usuários. É válido afirmar que o processo de luto a qual a família enlutada está vivendo pode ser diretamente influenciado pelos detalhes arquitetônicos que o ambiente projeta.

É nesse contexto, que se faz necessário destacar que o processo de luto, dentro da cultura ocidental, representa um dos temas que caracteriza grande aflição por parte da sociedade. Sanders (1999) teoriza que a dor da partida de um ente querido pode ser considerada impossível de suportar, semelhante ao pânico, em que qualquer mínimo detalhe poderá ajudar na minimização do impacto emocional vivido.

No contexto da passagem do processo de luto pelas famílias, qualquer detalhe se torna muito relevante. O estado emocional dos enlutados tende a sintetizar todo o sentimento de perda com sensações consideradas difíceis de suportar. É nesse aspecto emocional e das sensações que a humanização arquitetônica pode atuar para minimizar o impacto gerado pela partida de um ente querido. É possível, por meio de diversos elementos, projetar ambientes que transmitam paz e tranquilidade, utilizando-se dos conceitos de neurociência aplicados ao ambiente.

Ainda no que diz respeito à passagem do processo de luto, é válido afirmar que as famílias necessitam do máximo de acolhimento e conforto que puderem ter dentro das organizações fúnebres para o atendimento das famílias enlutadas. Dito isso, entende-se que o

projeto deverá prezar por ambientes espaçosos, com lugares para descanso e uma boa iluminação. Além disso, o ambiente poderá contar com um local humanizado voltado para a essa família.

Segundo Sullivan (1956 cit. por Sanders, 1999), é possível compreender que o processo de luto desenvolve na família enlutada a oportunidade de se desvincular dos laços afetivos. Dito isso, em situações normais, o luto ajuda a eliminar essas vinculações que ameaçam manter as ilusões de amor e afeto. Portanto, o processo de luto pode ser entendido como um mecanismo extremamente importante para a proteção do enlutado.

Já para Sanders (1999), considera-se que o luto traduz um sentimento experiencial que o indivíduo sofre após tomar consciência da perda ou da partida de um ente querido. Essa experiência é caracterizada por um vasto leque de emoções, sentimentos, mudanças e condições que ocorrem nas pessoas como resultado da perda sofrida.

A escolha desse tema originou-se na necessidade de locais mais humanizados e acolhedores voltados para o atendimento das famílias nos ambientes fúnebres. É válido afirmar que o setor privado tem se qualificado cada vez mais, de forma progressiva, no processo de diferenciação e na organização dos seus ambientes, com o intuito de atender as famílias enlutadas, observando as especificidades culturais, religiosas e regionais da nossa sociedade (SEBRAE, 2015).

Segundo Paiva (2018 apud MIRANDA, 2021, p. 02), a humanização arquitetônica traduz-se como um estímulo que o ambiente físico causa no cérebro e sua transformação. Para ela, o ambiente tem a capacidade de gerar sensações de forma inconsciente ao cérebro, permitindo uma melhoria emocional no indivíduo. Além disso, é uma ciência que proporciona ao ser humano usufruir sentimentos agradáveis, que podem agregar bem-estar e saúde, com a intenção de modificar os espaços físicos, transformando-os em ambientes agradáveis de estar.

Por fim, pode-se concluir que o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o impacto da arquitetura na percepção de luto dos usuários de espaços cemiteriais. E como objetivos específicos apresentar a arquitetura de espaços cemiteriais, identificar as premissas para o desenvolvimento de uma arquitetura humanizada, apontar contribuições da arquitetura sensorial para o desenvolvimento, visando compreender a importância de um ambiente projetado de forma adequada e as sensações que o mesmo pode transmitir para os clientes enlutados.

Para o desenvolvimento do presente estudo, a estrutura deste trabalho consistirá de introdução, dois capítulos de fundamentação teórica, sendo o primeiro abordando sobre os espaços cemiteriais e a classificação desses espaços, em que autores como Ribeiro, Pacheco,

Faes e Fosh, Penz, Figueiredo, Queiroz e Rugg e Matos discorrem sobre a origem da palavra cemitério em que para um vem do latim, e para o outro vem do grego. Os autores explicam no contexto urbano a sua relação com a arquitetura e o aspecto cultural. Os espaços cemiteriais são classificados como cemitérios populares, parques, verticais, horizontais, entre outros. Ainda no primeiro capítulo será apresentada a diferença de cada um e como eles funcionam. No capítulo seguinte, abordamos sobre a arquitetura humanizada e arquitetura sensorial, em que os autores Ciaco, Synnott, Heschong, Neves, Gibson, Ackerman, Upali, Pallasma vão discorrer sobre a importância da humanização e como a arquitetura pode interferir nos sentimentos, sentidos e sensações nos ambientes cemiteriais.

Dito isso, o presente estudo visa apresentar a arquitetura de espaços cemiteriais, identificar as premissas para o desenvolvimento de uma arquitetura humanizada e apontar contribuições da arquitetura sensorial para o desenvolvimento de projetos cemiteriais. E por fim, analisar o impacto da arquitetura na percepção de luto dos usuários de espaços cemiteriais.

## 2. ESPAÇOS CEMITERIAIS

A palavra cemitério, etimologicamente, tem sua origem do latim, que significa “a parte externa da igreja”, como destaca o autor Penz (2012). No entanto, o autor afirma que o motivo principal da expansão e crescimento da quantidade de cemitérios públicos e particulares aconteceu devido à grande urbanização descontrolada que a sociedade viveu durante o período industrial. Dito isso, pode-se entender que o surgimento de cemitérios foi consequência direta de uma necessidade médica e política para conter a insalubridade das cidades.

Sobre o assunto tratado neste trabalho “CEMITÉRIO”, a origem deste conforme site do Sindicato dos Cemitérios Particulares do Brasil (SINCEP), no século XIX como era de costume, as pessoas eram enterradas nas igrejas, conventos e capelas particulares, pois os cristãos da época acreditavam que precisavam depositar os corpos nestes locais atendendo as solicitações da igreja, mas isso já apresentava graves problemas sanitários e inconvenientes para as cidades, com o passar dos anos e o aumento da população nas cidades estes problemas só aumentaram, pois cada vez existiam menos locais para enterros, pois as igrejas, conventos e capelas particulares já se encontravam lotadas, porem como existia o costume dos enterros serem em igrejas não se cogitava fazer em outro local. O surgimento dos cemitérios foi consequência direta da insalubridade das cidades, após o surgimento de várias doenças e da degradação de muitas igrejas. A construção de cemitérios em locais fora da igreja não era uma ideia cristã, mas sim uma ideia médica e política com a preocupação nos vivos. A construção de cemitérios públicos no século XIX era inovação urbana recente, consequência do surgimento da cidade industrial, que acelerou a urbanização de forma descontrolada, com isso os gestores da higiene e da salubridade pública tiveram que promover a remodelação dos espaços urbanos organizando os locais de cemitérios (PENZ, 2012).

Figura 1: Cemitério dos Ingleses (cemitério mais antigo do Rio de Janeiro)



Fonte: Lucena Felipe, 2018.

Já Pacheco (2012) discorre que a palavra cemitério tem sua origem do grego

*koimetérion*, “dormitório”, o que corresponde a algum local para dormir. Teoriza-se que esse conceito é advindo da mitologia grega, segundo a relação de Hipno, deus grego do sono, e seu irmão Thanatos, o deus da morte.

Ainda para o autor, entendemos que, com o crescimento da urbanização das cidades e a revolução industrial, houve uma grande necessidade de remodelação dos espaços públicos, até mesmo devido às questões higiênicas. Dito isso, entende-se que o cemitério nem sempre foi considerado um espaço cheio de significados e trabalhos arquitetônicos, porém esse conceito foi se adaptando ao longo do tempo.

Segundo Ribeiro (2009), o contexto urbano da cidade caracteriza-se como um resultado de vastos elementos e suas relações, e a sua arquitetura como expressão da memória e da experiência. É nesse sentido que temos no cemitério um espaço privilegiado, pois possui diversos significados e caracteriza-se por seus símbolos advindos da cultura social. É, sem dúvidas, considerada uma das formas mais fidedignas de representações idealizadas do contexto urbano que também pode estar expressa em esculturas e monumentos presentes nesses espaços.

Como um reflexo da sociedade, os cemitérios acabam por se caracterizar como monumentos da história e memória daqueles que morreram, onde os vivos buscam tornar-se perpétuo ou eternizar. Dessa forma, faz-se necessário vincular que a compreensão da morte está intimamente ligada com o entendimento da vida.

Figura 2: Túmulo de Monteiro Lobato



Fonte: Sousa Alana, 2020.

Para Didi-Huberman (1998), o contexto simbólico que existe nas sepultados, permite entender que existe uma interligação com o conceito da finitude, haja vista que toda e

qualquer expressão simbólica pode se caracterizar como uma forma de discurso. Ou seja, quando um indivíduo, família, grupo ou instituição faz uso de algum símbolo para fazer parte de determinado jazigo, está afirmando suas crenças.

No que diz respeito à aparência da estética cristã, podemos entender que ela foi profundamente marcada pela necessidade advinda da crença de produzir imagens. Dessa forma, podemos compreender o conceito que Didi-Huberman (1998) chama de melancolia. Tal característica deixou traços marcantes nos elementos da arquitetura cemiterial.

Pode-se inferir que as representações funerárias expressam uma ideia ou conceito de mundo em que se enxerga uma dicotomia entre o mundo dos vivos no que se compreende sobre o mundo dos mortos. É pensando dessa forma que eles podem ser considerados como objetos que representam a identidade cultural e social de uma determinada população e cidade em um período específico.

A depender do aspecto religioso ou cultural de determina região, o significado da morte modifica-se. Para os cristãos, por exemplo, a morte é vista como um estágio intermediário, para ir ao céu, ou seja, uma espécie de sono profundo de que um dia acordariam para a ressurreição. Por isso, existe a prática advinda da crença de os cristãos enterrarem o corpo dos falecidos. Tal ideia introduziu à sociedade da época uma nova percepção que amenizou a dor de gerações (GIACOIA, 2005).

Historicamente, os indícios mais antigos da espécie humana apontam sobre a existência dos hábitos de sepultamento, de enterrar os mortos, cobri-los e, dessa forma, sinalizar que ali existe um corpo e, com isso, sinalizar a diferença entre os locais. Além disso, esses indícios apontam os hábitos de visitas periódicas, rituais, depósito de preces, fazer oferendas, entre outras manifestações e expressões de emoções e sentimentos de acordo com Faes e Foshi (2018).

É, de fato, muito interessante ressaltar que desde o surgimento da história humana sempre houve uma discussão e atenção voltada para o tema da morte e, conseqüentemente, aos cemitérios. Como prova disso, podemos observar o grande número de museus que apresentam aos seus visitantes esculturas e peças que estão ligadas a esse tema, como múmias, caixões e réplicas de túmulos.

Figura 3: Museu Funerário de Viena



Fonte: Vessoni Eduardo.

Ainda para as autoras, os espaços dos cemitérios possuem elementos que se relacionam com múltiplas linguagens e discursos potenciais nos quais acontecem manifestações do aspecto cultural, religioso, ideológico e sentimental das pessoas que vivem naquela região.

Para Ribeiro (2009), podemos destacar como exemplo de espaço cemiterial ligado aos elementos arquitetônicos o cemitério de Ferradas localizado na Bahia. Nesse ambiente, destaca-se a união dos significados tradicionais, sociais e culturais com as belezas naturais da região. O autor destaca ainda que na região diversos cemitérios foram construídos utilizando-se dos relevos, morros e declínios para criação de entradas e paisagens mais harmoniosas.

Já no que diz respeito à relação que os cemitérios possuem com os impactos ambientais, para Pacheco (2012), esse tema deve ser tratado e debatido com grande intensidade, devido a sua relevância. No que diz respeito aos modelos tradicionais de cemitérios, entende-se que há grandes riscos ambientais, como a poluição de lençóis freáticos e do solo. O autor destaca a existência e crescimento dos crematórios e cemitérios verticais, porém com ainda baixo aceite cultural e religioso por parte da sociedade.

Nesse aspecto levantado pelo autor, vale ressaltar a grande importância que o profissional de arquitetura tem no dimensionamento, projeto e gerenciamento desse tipo de empreendimento. Pode-se destacar que essa classe de profissional tem conhecimento suficiente para auxiliar a sociedade e os entes públicos, que são partes reguladoras, na mitigação desses impactos ambientais.

## 2.1 Classificação dos espaços cemiteriais

Sendo assim, faz-se necessário entender que existem algumas tipificações de estilos de cemitérios, podendo ser classificados como cemitérios populares, parques, verticais, horizontais, entre outros.

Segundo Pacheco (2012), as diversas classificações e modelos de estruturação de espaços cemiteriais decorrem não somente da diferenciação e dos projetos empreendedores, mas têm como principal motivo as questões ambientais e fundiárias. Faz-se necessário entender que os espaços urbanos e das regiões metropolitanas estão cada vez mais limitados, assim como o reconhecimento dos impactos causados pelo homem ao meio ambiente está cada vez mais sendo discutido pela sociedade.

No que diz respeito aos ambientes cemiteriais, Figueiredo (2015) teoriza que no Brasil existam diferentes classificações relacionadas aos diversos estilos de cemitérios, como exemplo há o cemitério denominado popular, em que estes geralmente são públicos e são destinadas ao sepultamento de pessoas de classes socioeconômicas mais baixas.

Figura 4: Cemitério popular horizontal (Cemitério do Gavião - São Luís MA)



Fonte: Ricardo João, 2015.

Figura 5: Cemitério popular parque (Cemitério Parque Bom Jardim – Fortaleza)



Fonte: Custódio Gabriela, 2020.

O autor também cita a existência de cemitérios parques, onde após se completarem três ou cinco anos de inumação, ocorre a exumação do corpo que, posteriormente, é colocado em ossuários ou nichos, a depender do interesse da família. Esse tipo de cemitério é conhecido pela ausência de monumentos verticais que são construídos para simbolizar religiões e outros significados. Já as necrópoles consideradas tradicionais ou históricas são aquelas que abrangem esse tipo de edificação, as quais apresentam um expressivo arranjo arquitetônico observado pelas esculturas dos túmulos e monumentos.

Estes cemitérios tem um aspecto menos austero que as necrópoles tradicionais. Se caracterizam por zonas com belos gramados, muitas árvores, onde os sepultamentos são feitos por tumulação (subterrâneos) e referenciados por uma simples placa de bronze. São necrópoles particulares onde os túmulos são vitalícios.

Aqueles cemitérios se sobrepõem aos tradicionais, em termos estéticos, encaixando-se de forma harmônica no contexto urbano, por ser uma zona verde. Estamos assistindo de forma progressiva à substituição da arte funerária (típica dos cemitérios tradicionais), pela natureza.

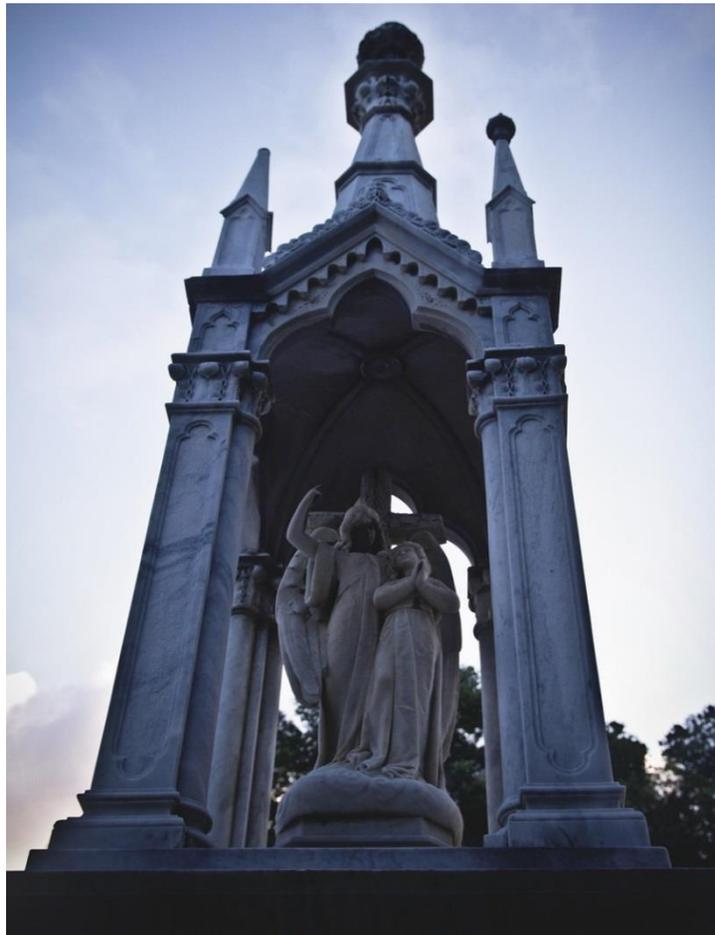
Com efeito, os arquitetos e urbanistas de cemitérios estão querendo integrar os cemitérios - parque (verdadeiros jardins), no meio ambiente urbano. São as necrópoles paisagísticas, com o naturalismo dos jardins fenerários (PACHECO, 2012).

Figura 6: Cemitério parque (Maringá)



Fonte: Carvalho Luiz, 2019.

Figura 7: Necrópole (Cemitério de Santo Amaro – PE)



Fonte: Ludermir Chico, 2011.

Há quem duvide, sem o necessário embasamento científico, de que as necrópoles sejam motivo de preocupação ambiental. Por isso, esse tipo de construção tarda a aparecer com maior evidência na lista das fontes tradicionais de contaminação ambiental, apesar da existência de pesquisas acadêmicas (no âmbito nacional e internacional) que mostram a contaminação da água subterrânea por cemitérios mal implantados e gerenciados. Isso se deve, possivelmente, ao fato de as necrópoles serem consideradas como um universo muito sensível, em particular, nos países de tradição cristã (PACHECO; ALBERTO, 2012, p. 25).

Nesse aspecto, compreende-se novamente a importância do papel do estudo arquitetônico no entendimento dessas consequências ambientais, principalmente quando relacionados à contaminação da água, recurso altamente relevante para existência dos seres humanos e todos os animais.

Vale ressaltar que existe também mais um tipo de classificação de cemitérios, de acordo com Queiroz e Rugg (2003) e Figueiredo (2015) verticais ou columbários. Essas estruturas são organizadas em edifícios com vários andares, com gavetas sobrepostas chamadas de lóculos. Entende-se que esse tipo de espaço foi pensado arquitetonicamente com o objetivo de minimizar o uso do espaço urbano, os impactos gerados na região e minimizar as consequências ambientais.

Figura 8: Cemitério vertical ou columbário (Memorial Fortaleza)



Fonte: Braga Lauriberto, 2021.

Cabe elucidar que existem, basicamente, no Brasil, dois tipos de cemitérios: os horizontais (localizados em área descoberta, compreendendo os cemitérios tradicionais e os do tipo parque ou jardim) e os verticais (edifícios de um ou mais pavimentos dotados de lóculos ou câmaras para sepultamentos). Os cemitérios horizontais, em especial os tradicionais (onde os sepultamentos são feitos, comumente, em cova rasa), mobilizam as atenções dos estudiosos da contaminação ambiental, pois neles as inumações são feitas diretamente no solo, na cova, e podem pôr em risco a qualidade da água subterrânea quando implantados de forma

inadequada, sem atender às normas de boa execução. Enquanto os cemitérios tradicionais são públicos, no sentido de pertencer ao poder público, os do tipo parque ou jardim e os verticais, em geral, são privados, sendo que neste último caso, a administração pública exerce o poder de polícia (PACHECO; ALBERTO, 2012, p. 25).

Queiroz e Rugg (2003) e Figueiredo (2015) também citam alguns exemplos de classificação de cemitério, como O Memorial Garden, que é composto por amplas áreas verdes sem arborização, sem monumentos nas sepulturas, e com lápides padronizadas, o que classifica como cemitério parque.

No que tange a classificação de estilos cemiteriais, o aspecto arquitetônico pode ser considerado um fator de grande relevância. Dito isso, o entendimento dos principais elementos que envolvem o processo de humanização dos espaços deve ser compreendido com clareza.

Do que se trata em termos de normas e regimento legal, Martin (2016) discorre sobre diversos impactos que são facilmente perceptíveis nos cemitérios em relação às suas cidades, em que é visível que estes foram construídas antes da existência de legislações sobre esse assunto específico.

No contexto de acessibilidade dentro dos cemitérios, a necessidade desse ambiente possuir um estacionamento amplo e de fácil acesso é notória. Para Kerley (2007), podemos entender que um estacionamento em um espaço urbano pode ser considerado um bem de grande valor, gerando benefício para todos os indivíduos.

Para Matos (2001), é possível afirmar que existam diversos impactos que são gerados pelos cemitérios em grande parte dos municípios brasileiros. Apesar de não existir estudos que comprovem tal fato, é visível que grande parte dos cemitérios foi construída antes da existência da legislação sobre essa matéria.

Segundo Edler (2011), um dos serviços que está cada vez mais conhecido dentro dos cemitérios é o serviço de cremação. É válido afirmar que esse tipo de procedimento acaba por solucionar um problema ambiental em relação à decomposição e gases prejudiciais ao meio ambiente.

O procedimento executado para realizar o serviço de cremação visa a utilização de um forno com temperatura elevada para a carbonização do corpo. Nesse sentido, há uma geração de resíduos que originam as cinzas que são culturalmente guardadas para servir de lembrança para a família em relação à pessoa cremada (CRUZ, 2015).

Por fim, precisamos ressaltar que as classificações cemiteriais englobam grande parte dos tipos existentes desses empreendimentos, mas não englobam toda a tipologia.

### **3. HUMANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ARQUITETÔNICOS**

Para Ciaco (2010), a humanização e o processo arquitetônico estão amplamente ligados através do conceito e da prática. É de grande importância em relação ao significado dos espaços arquitetônicos e a sua adaptação a quem vai utilizar o espaço.

Ciaco (2010) afirma que a edificação precisa atender a uma série de sentimentos materiais e psicológicos de quem utiliza o espaço; a construção deve conter elementos necessários para que atendam às necessidades e circunstâncias de saúde, segurança, bem-estar e higiene de seus usuários.

É válido ressaltar que o estudo arquitetônico sempre busca se basear na caracterização de cada elemento empregado no ambiente proposto. Ou seja, cada detalhe projetado deve ser pensado com base na experiência e sentimentos dos usuários daquele espaço. O autor fala ainda sobre a dificuldade em conceituar a humanização, explicando que existe uma grande influência que os espaços implicam aos seres humanos, sejam em suas residências ou ambientes em que visitam. Um ambiente ou espaço humanizado caracteriza-se por consolidar uma boa relação com o usuário, ou seja, projetar espaços que transmitam sensação de tranquilidade e bem-estar para o indivíduo.

Ainda para o autor, pode-se afirmar que a humanização do ambiente depende de características em relação à escala e que são adequadas com dimensões psicológicas, morfológicas e fisiológicas que o indivíduo leva em si, garantindo a habilidade que o ambiente tem de maneira favorável e agradável de relacionar-se com o usuário.

É de extrema importância entender o espaço e o tipo de usuário que vai frequentar o local, para obter embasamento suficiente e chegar a soluções para os espaços arquitetônicos humanizados.

#### **3.1 Arquitetura sensorial**

Para o sociólogo e professor do departamento de antropologia e sociologia da Universidade de Concórdia, Anthony Synnott (1991), o entendimento dos efeitos dos sentidos no corpo e na mente humana é advindo desde os tempos da Idade Antiga com os gregos e romanos. Vale ressaltar que foi nesse momento que se desenvolveu a filosofia do hedonismo por Aristippus (de 435-350 a.C.), filósofo grego que afirmava, em sua teoria, que o fim era o prazer e o prazer seria o fim.

Para a arquiteta Lisa Heschong (1979), é possível afirmar que os itens utilizados

dentro dos banhos romanos, como o mármore, a pedra, o vapor e os odores, davam condições para aumentar a busca pelo prazer. Vale afirmar que naquele período se buscar prazer não era algo mal visto pela sociedade, pelo contrário, era culturalmente incentivado, independente da classe social.

Ainda para a autora, entende-se que os primeiros cristãos já tinham uma opinião distinta sobre os sentidos. Para eles, destacava-se o sentido da visão no ato de olhar para cima e contemplar a Deus ou olhar para baixo em direção a uma mulher. Já para Synnott (Ibid., p. 64-65), isso se entende a partir do contexto em que os desejos corporais são vistos como pecado e condenam o homem ao inferno. Nesse sentido, apenas as necessidades fisiológicas são bem vistas aos olhos de Deus.

Ainda para Synnott (Ibid., p. 64-65), todo exagero que se estende além das necessidades fisiológicas deverão ser condenadas como pecado, a exemplo da gula, o sexo e a luxúria. Nesse sentido, o homem deverá comer unicamente para sobreviver e não para ter prazer, pois seria considerada gula.

Dito isso, pode-se inferir que devido a diversas experiências durante a Idade Antiga, o ser humano foi orientado a não levar em consideração as mensagens trazidas pelos próprios sentidos. Apenas a visão, já que é considerada mais próxima ao pensar racional, pode ser o único sentido de maior confiança e de dependência do ser humano. Não obstante, se não fosse a existência de todos os nossos sentidos, estaríamos desconexos do ambiente ao nosso redor. Por isso devemos ter foco em todos e não somente na visão.

Os sentidos humanos não funcionam isoladamente: todos influenciam nossa percepção do espaço. E, porque não funcionam isoladamente, às vezes alguns precisam receber “pistas” de outros para nos ajudar a entender o ambiente. Por exemplo: se nas instalações dos banhos romanos a piscina de águas frias fosse revestida em mármore vermelho e o Caldarium em mármore verde, essa associação de cores nos proporcionaria um “estranhamento sensorial”, pois as “pistas” que nossos olhos nos dariam, baseadas nas cores, não corresponderiam ao que estaríamos sentindo termicamente. Assim, é necessário haver uma coerência sensorial — uma orquestração das “pistas” sensoriais em um projeto — para que nossa percepção do meio construído seja correta (NEVES, 2011).

Para Gibson (1966), a sua teoria que envolve uma abordagem mais profunda sobre os estudos direcionados aos sentidos deverá ser entendida com maior detalhamento. Para ele, sugere-se a distribuição dos sentidos em cinco sistemas perceptivos, os quais nos fazem compreender e nos conectar com o mundo. São eles: paladar-olfato, háptico, básico de orientação, auditivo e visual.

Outra grande contribuição do autor em sua teoria está no sistema paladar olfato. Para ele esse sistema perceptivo não pode ser considerado um sentido único e isolado, mas sim

como elemento integrante de um grupo que trabalha concomitantemente com o olfato. Esse evento decorre da necessidade da compreensão do ambiente em decorrência do paladar ser sempre projetada com base também do olfato.

Já no que diz respeito ao pensamento de Ackerman (1991), quando falamos em relação aos sentidos, o paladar é entendido como o que tem mais caráter social dentro do cotidiano das pessoas. Podemos observar isso a partir da etimologia da palavra latina *compāniō*, que significa aquele que come pão com outro. Além disso, podemos observar que o paladar e desfrutar das comidas são elementos presentes em todas as festas, eventos e outras ocasiões sociais quando há reunião de um grupo.

No que se refere ao olfato, podemos entender que este é um dos sentidos mais básicos, intuitivos e até mesmo primitivos dos animais e seres humanos. Ackerman (1991) também dizia que na evolução das espécies aquáticas para terrestres, essas tiveram que desenvolver o olfato e perderam a habilidade do mesmo dentro da água. O autor também diz que hoje o olfato não é mais uma habilidade necessária a nossa sobrevivência devido ao desenvolvimento da civilização humana e a desconexão da natureza, mas que sem ele – o olfato – estaríamos perdidos e totalmente desconexos do mundo ao nosso redor.

Quando falamos de olfato, Nanda (2008, p. 58-59) explica-nos que na distância de zero a um metro em relação a um determinado ponto, faz-se possível até mesmo sentir odores mais íntimos e fracos, como, por exemplo, aqueles que são emanados dos cabelos e de roupas de outras pessoas. Em distâncias um pouco maiores, até três metros de distância, só se é capaz de sentir perfumes e cheiros mais fortes. A partir de distâncias ainda maiores, só é possível perceber apenas cheiros extremamente impactantes, como de peixe podre, por exemplo.

Para Upali Nanda (2008, p. 82),

Os sentidos são portas de entrada para nossa própria percepção. Nós percebemos o mundo externo através de nossos olhos, nossos ouvidos, nossa pele, nosso nariz e nossas papilas gustativas. E apesar de as emoções, pensamentos, intenções e outros fenômenos cognitivos [...] serem muito mais do que meramente sensoriais, os sentidos permanecem como os canais de comunicação através dos quais interagimos com nossos mundos.

Existe uma grande importância e relevância do sistema háptico como um todo e mais especificamente quando se refere ao elemento do tato. A sua importância é relevante o suficiente para que alguns autores, como o arquiteto Pallasmaa (2005), teoriza que todos os outros grupos sensoriais são meras extensões e especializações da pele e do tato e são considerados complementares.

Para a arquiteta Nanda (2008, p. 59), o tato é passível de ser considerado o mais

íntimo de todos os nossos sentidos. Isso uma vez que para tocar em alguma coisa, precisamos nos envolver complementarmente em relação ao objeto ou pessoa a ser tocada, em que a distância é considerada zero. “O toque tem o menor alcance e o mais íntimo envolvimento”, afirma a arquiteta.

Quanto à temperatura dos objetos e do ar e também em relação à quantidade de umidade destes que são percebidos por nossa pele, a arquiteta Lisa Heschong (1979) defende que se necessário nos habituarmos aos ambientes tanto quanto é preciso nos habituar ao cheiro destes. Por exemplo: só percebemos o quão quente ou fria uma sala está quando nela entramos. E após algum período, se esta temperatura do ambiente estiver dentro da nossa zona de conforto térmico, nós facilmente nos adaptaremos a ela e tudo nos parecerá até normal; entretanto nossa temperatura interna permanecerá a 37°C. Não obstante, a autora também acrescenta que quando as temperaturas estão fora da nossa zona de conforto térmico, nós não nos adaptamos, pois isso afeta nossa temperatura interna.

Ainda dentro do sistema perceptivo háptico, o ato de criar associações térmicas caracteriza-se como um recurso projetual efetivo para as pessoas se relacionarem com o ambiente. Como já dizia Heschong (1979, p. 36):

[...] se antes de entrarmos no hall de um prédio vímos um sistema de calefação aparente, imediatamente esperamos que esse ambiente esteja aquecido. Era exatamente para potencializar a sensação térmica de calor que, antes da existência de sistemas de aquecimento, os habitantes dos castelos medievais penduravam tapetes de cores quentes nas paredes, sugerindo um isolamento térmico entre a parede de pedra fria e o ambiente interno.

Ainda para a autora, faz-se possível afirmar que esse tipo de associação térmica está diretamente relacionado também aos aspectos sociais e culturais das pessoas, a exemplo de quando conversamos em frente à lareira. É nítido que podemos apreciar esses momentos devido à capacidade de percepção sensorial. Segundo Heschong (Ibid., p. 45), quando desfrutamos de conforto térmico e da companhia de uma pessoa que gostamos, esse laço se torna ainda mais forte. Por fim, ela defende que compartilhar uma experiência térmica que tenha prazer reforça os laços sociais de amizade.

Zumthor (2006) teoriza que:

Eu acredito que cada construção tem uma certa temperatura. [...] Mas algo que também me vem à mente quando penso em meu trabalho é o verbo ‘afinar’ — um pouco como a afinação de pianos talvez, à procura do humor certo, no sentido de afinação instrumental e de atmosfera também. Então temperatura nesse sentido é física, mas presumivelmente psicológica também. Está no que eu vejo, no que sinto, no que eu toco, até com meus pés.

Nesse mesmo contexto, é possível considerar que no aspecto projetado dos ambientes, entendemos como aconchegante um ambiente com muita madeira e materiais que nos remetem à sensação de calor. Por outro lado, julgamos frio um espaço caracterizado com cores neutras, como o branco, e lugares que se somam a materiais brilhantes e duros, como o porcelanato e a cerâmica polida, a exemplo de banheiros, hospitais, etc. Também é de suma importância ressaltar que a iluminação também nos impacta quando estamos avaliando um ambiente. Por exemplo: ambientes com luzes focadas, amareladas, que nos permitem obter contrastes entre zonas claras e escuras são notavelmente mais aconchegantes e calorosos para as pessoas do que ambientes com lâmpadas brancas ou azuladas, que são consideradas frias.

Pode-se considerar que o sistema auditivo é responsável não só por nossa competência de escutar e ouvir, mas também pela nossa habilidade de nos orientarmos a partir do som e, dessa forma, conectarmo-nos com a natureza e o espaço ao nosso redor (NEVES, 2011).

A visão é o sentido do observador solitário, enquanto a audição cria conexão e solidariedade; nosso olhar vaga solitariamente nas profundezas escuras de uma catedral, mas o som do órgão nos faz imediatamente experienciar nossa afinidade com o espaço. [...] O eco dos passos numa rua asfaltada tem um valor emocional, pois o som reverberando das paredes à nossa volta nos coloca em interação direta com o espaço; o som mede o espaço e faz com que sua escala seja compreensível (PALLASMAA, 2005).

Já para Malnar e Vodvarka (2004, p. 131-138), os sons podem ser considerados irritantes ou agradáveis, assim como os cheiros, que podem ser bons ou extremamente desagradáveis. Assim, quando falamos de ambientes projetados, podemos verificar que o barulho é estressante, por outro lado as pessoas tampouco apreciam o silêncio total.

## **4. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada no presente trabalho é de caráter exploratório, com natureza básica e método bibliográfico. De acordo com Gil (2008), a metodologia de pesquisa pode ser traduzida como um processo objetivo, racional e sistemático, em que o principal intuito é a solução de problemas. Ademais, Gil (2008) explica que, no papel do pesquisador, é fundamental analisar contextos dos fatos pesquisados e, dessa forma, não se espera que se estabeleçam conclusões absolutas em si. Segundo o autor, a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema em questão, tornando-a mais explícita ou formulando hipóteses. Em outras palavras, é nesse tipo de pesquisa que se visa melhorar as ideias existentes e/ou levantar questões e intuições sobre o assunto.

Para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é feita a partir de livros, artigos, jornais, revistas e impressos no geral já existentes e elaborados com temas relacionados à arquitetura cemiterial, como o ambiente pode influenciar os sentimentos.

O Trabalho de Conclusão de Curso teve como o principal enfoque a abordagem qualitativa, por meio da coleta de dados e posterior análise e interpretação crítica destes. O principal intuito dessa abordagem traduz-se no estabelecimento de domínio completo do objeto de estudo. Além disso, infere-se também que a abordagem visa buscar conclusões para o problema apresentado nesse trabalho.

Dito isso, as entrevistas foram o principal método utilizado para a conclusão do presente trabalho, pois serviram como embasamento principal que subsidiaram as análises dos significados das experiências vividas pelas pessoas.

### **4.1 Participantes**

No que se refere à delimitação do público que foi entrevistado para o presente trabalho, apontam-se pessoas residentes na região metropolitana de São Luís, com faixa de idade entre 18 a 70 anos. Outra característica de suma importância é que já tenham vivenciado a experiência de luto em ambientes cemiteriais nos últimos 10 anos.

Dentro do formulário faz-se necessário como perguntas obrigatórias informar o local de visita, turno da visita e o serviço utilizado. Foram entrevistadas 46 pessoas que representam subsídios para uma maior clareza do padrão de experiência observado pelas pessoas nesse tipo de ambiente pesquisado.

Já, outros fatores como gênero, classe social e formação educacional não foram

observados como critérios limitantes da participação nas entrevistas, uma vez que não traduziriam nenhuma premissa de diferenciação em relação às respostas a serem observadas.

## **4.2 Instrumentos**

Foi estruturado por meio de entrevistas, com o formato de formulário online (*Google Forms*). O formato da entrevista foi aplicado de forma anônima, haja vista que é um assunto que evoca muitas memórias e sentimentos, para o não constrangimento do entrevistado e para o mesmo lidar da melhor forma com o próprio luto vivenciado. As perguntas da entrevista encontram-se no apêndice do trabalho.

O formulário foi estruturado de forma mais compacta e as perguntas foram relacionadas aos espaços, o sentimento em que esses espaços despertaram nela, lembranças de cheiro, imagens, texturas e temperatura.

Vale ressaltar que todas as entrevistas foram documentadas, mediante a própria autorização do entrevistado, que se dá conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponível no apêndice do presente trabalho.

## **4.3 Análise de dados**

Após o desenvolvimento das entrevistas, os dados obtidos foram analisados de forma a possibilitar as associações necessárias. Foram coletadas 46 respostas que foram, em parte, evidenciadas em gráficos para facilitar a visualização do leitor. Através da compreensão quantitativa das respostas podemos caracterizar os principais elementos que exemplificam os conceitos abordados. Foram destacadas as respostas que representam em maior grau os conceitos abordados nos questionários (Apendice B).

## 5. RESULTADOS

A fim de compreender melhor os resultados, primeiramente vamos apresentar brevemente a estrutura física dos espaços que foram mencionados pelos entrevistados para que fique mais fácil a compreensão dos resultados.

O cemitério Jardim da Paz fica localizado na Estrada de Ribamar e conta com serviços de cemitério, crematório, funerária, velório, floricultura, cerimonial, laboratório e o mais recente cemitério e crematório pet. Foi fundado em 1985 e tem o propósito de homenagear vidas e preservar memórias. O cemitério é classificado como do tipo parque horizontal. O grupo Salvatore proprietário do cemitério Jardim da Paz inaugurou recentemente o Salvatore Funeral Home, que conta com uma central de velórios que possui uma proposta de arquitetura diferenciada, voltada a prática americana de receber em casa.

O cemitério Jardim da Paz tem em sua estrutura estacionamento privativo, atendimento, floricultura, lanchonete, salas de despedidas, instalações sanitárias e um auditório onde acontecem celebrações de missas e cerimônias de despedidas.

Figura 9: Cemitério Jardim da Paz



Fonte: Complexo Salvatore, 2022<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://complexosalvatore.com.br/complexo-salvatore/>

Figura 10: Cemitério Jardim da Paz



Fonte: Complexo Salvatore, 2022<sup>2</sup>.

O Crematório Jardim da Paz tem na sua estrutura uma recepção onde os clientes podem aguardar a cerimônia de cremação, possuindo instalações sanitárias e a sala de cremação.

Figura 11: Crematório Jardim da Paz



Fonte: Complexo Salvatore, 2022<sup>3</sup>.

A Central de Velórios Jardim da Paz abrange no prédio uma área administrativa, recepção, floricultura, atendimento, monstuarário de urnas, laboratório de tanatopraxia, 03

<sup>2</sup> Disponível em: <https://complexosalvatore.com.br/complexo-salvatore/>

<sup>3</sup> Idem.

salas de velórios e lanchonete, além de um estacionamento privativo.

Figura 12: Central de Velórios Jardim da Paz - Anil



Fonte: Complexo Salvatore, 2022<sup>4</sup>.

O Salvatore Funeral Home possui uma ampla estrutura, contendo 03 salas de velório, floricultura, recepção, sala de atendimento, cafeteria, estacionamento privativo e um espaço externo com jardim.

Figura 13: Salvatore Funeral Home - Calhau



Fonte: Própria autora, 2022.

O Salvatore Pet conta com uma estrutura de recepção, loja, instalações sanitárias, 01 sala de velório, sala de homenagem, administrativo, sala de preparo do corpo, sala de

<sup>4</sup> Disponível em: <https://complexosalvatore.com.br/complexo-salvatore/>

cremação e um espaço de cemitério pet.

Figura 14: Salvatore Pet – Cemitério e Crematório Pet



Fonte: Complexo Salvatore, 2022.<sup>5</sup>

Outro grupo que atua no mercado em São Luís é a Pax União, fundado desde 1976, o cemitério localiza-se em Paço do Lumiar conta com os serviços de cemitério, crematório, funerária, velório, floricultura, cerimonial e laboratório. O cemitério Pax União também possui a sua classificação como cemitério parque horizontal.

Figura 15: Central de velórios Pax União



Fonte: Pax União Grupo Empresarial, 2022.<sup>6</sup>

A Central de Velórios Pax União conta como uma estrutura de recepção com monstuarário de urnas e banheiros, administrativo, 09 salas de velórios, instalações sanitárias,

<sup>5</sup> Disponível em: <https://complexosalvatore.com.br/complexo-salvatore/>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://grupopaxuniao.com.br/home/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

floricultura e lanchonete. Possui, também, estacionamento privativo.

Figura 16: Cemitério Memorial Pax União



Fonte: Memorial Pax União (Paço do Lumiar),<sup>7</sup> 2022 .

O Memorial Pax União possui em sua estrutura uma área de atendimento, capela e instalações sanitárias. No mesmo local, localiza-se o crematório Pax União, que possui o forno para o procedimento de cremação.

Figura 17: Crematório Pax União



Fonte: Pax União Grupo Empresarial, 2022 .<sup>8</sup>

O cemitério Parque da Saudade está localizado no Vinhais é um cemitério tipo parque horizontal, possuindo em seu espaço uma capela. Funcionam apenas com o serviço de

<sup>7</sup> Disponível em: <http://wikimapia.org/16856280/pt/Memorial-Pax-Uni%C3%A3o>. Acesso em: 10 jun. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://grupopaxuniao.com.br/home/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

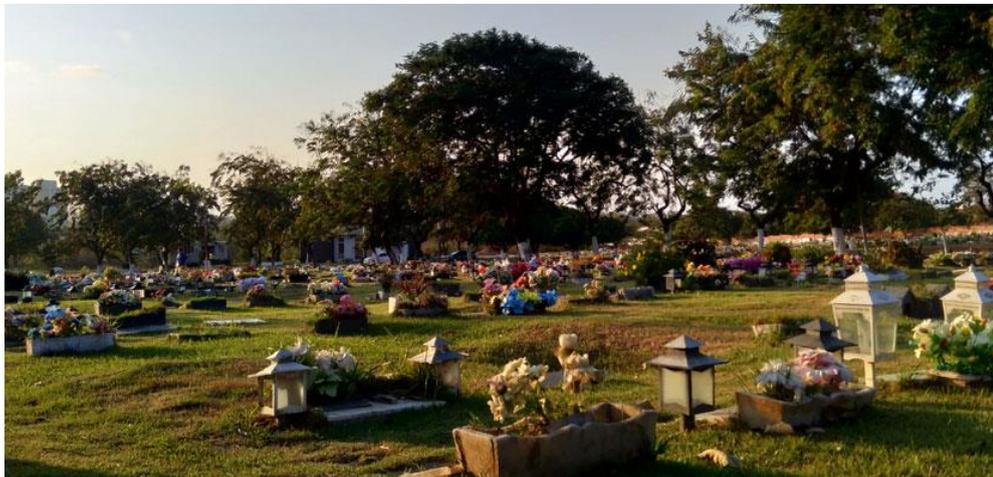
cemitério para a realização de sepultamento, não possuindo serviço de cremação. É o cemitério particular mais antigo da cidade.

Figura 18: Cemitério Parque da Saudade



Fonte: Parque da Saudade, 2022<sup>9</sup>.

Figura 19: Cemitério Parque da Saudade



Fonte: Parque da Saudade, 2022<sup>10</sup>.

O cemitério Parque da Saudade, em relação à estrutura, possui na entrada uma guarita, onde é possível sanar algumas dúvidas sobre o local. Ao lado, tem uma pequena sala onde se localiza a recepção e administração do espaço. O local conta com uma capela onde geralmente se presta uma última despedida ao falecido. Em relação aos estacionamentos, os

<sup>9</sup> Disponível em: <https://parquedasaudadema.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

<sup>10</sup> Idem.

carros estacionam dentro do cemitério no decorrer das ruas que levam para os setores de jazigos.

Figura 20: Capela Cemitério Parque da Saudade



Fonte: Homenagem Fúnebre, 2022<sup>11</sup>.

Fundado em 1855, o Cemitério do Gavião é o único cemitério público de São Luís - MA e é conhecido como um museu a céu aberto, pois o mesmo possui a sua tipologia tipo Necrópole. O cemitério localiza-se no bairro da Madre Deus, em São Luís. O local foi fundado logo após a epidemia da varíola, devido o número elevado de óbitos. Segue o mesmo formato dos cemitérios europeus, onde se localizavam próximos às igrejas, o que simplificava o cortejo para o sepultamento. Na extensão do cemitério possuem diversas esculturas antigas. Na questão estrutural, o cemitério do Gavião possui apenas uma capela. Não possui estacionamento privativo, instalações sanitárias e lanchonete.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://homenagemfunebre.com.br/cemiterios/MA/cemiterioparquedasaudade/cemiterioparquedasaudademaranhao.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Figura 21: Cemitério Gavião



Fonte: Jorge, 2015.

Figura 22: Cemitério Gavião



Fonte: Jorge, 2015

No que diz respeito ao formulário, foi respondido por 46 pessoas, sendo 28 mulheres e 18 homens, com idade média entre 23 a 55 anos. O local de visita mais citado nas entrevistas foi o Jardim da Paz por 28 pessoas, a Pax União foi mencionada por 11 pessoas, o cemitério Gavião por 05 pessoas e o Parque da Saudade apenas por 02 pessoas. Em relação ao motivo da visita nos locais, 30 pessoas comentaram que foram para enterro e 16 para velório. O turno mais citado foi o matutino por 25 pessoas, o vespertino por 18 pessoas e o noturno por 03 pessoas.

No que se refere a instalações sanitárias, pode-se perceber que 14 visitantes se sentiram satisfeitos em relação à limpeza do local, mencionando especificamente que os banheiros estavam limpos e agradáveis. Nessa mesma questão, diversas pessoas responderam

que não chegaram a utilizar as instalações sanitárias ou que passou despercebido, no total de 08 dos entrevistados.

Podemos destacar, por exemplo, uma das respostas obtidas no questionário: “Senti segurança em utilizar as instalações devido o ambiente está organizado e com cheiro de limpeza, são características que considero fundamentais em qualquer ambiente”. Sendo assim, fica claro o que Lisa Heschong (1979) afirma sobre os itens utilizados nos banheiros romanos, em que os aromas, o mármore levavam-os a ter sensações de satisfação.

Em relação aos estacionamentos ou o ato de procurar uma vaga, 29 visitantes informaram não ter tido dificuldade ou algum transtorno para encontrar um local para estacionar; já 17 dos entrevistados tiveram experiências ruins ao precisar procurar ou até mesmo por não encontrar uma vaga para estacionar o carro para chegar a sua visita.

Para ilustrar esse percentual relevante de usuários que vivenciaram uma experiência ruim nessa questão, podemos destacar o seguinte relato:

O problema não foi encontrar vaga, mas chegar no estacionamento. Tinha uma fila de carros na ruazinha estreita da Pax (Centro) e um dos carros parou para descarregar flores, eu pude sair e chegar na sala onde ocorria o velório, mas meu pai não pq ainda precisava estacionar (sendo que era o irmão dele que tinha morrido e, até onde sabíamos, faltava pouco tempo para o corpo ser levado pra cremação) (ENTREVISTADO ANÔNIMO).

Dessa forma, pode-se relacionar com o que foi dito por Ciaco (2010) no que diz respeito à importância do atendimento no contexto das circunstâncias de segurança e bem-estar dos usuários, como na questão do estacionamento.

No que diz respeito à sensação de perceber uma lanchonete no local e a percepção do aroma de comida, a maioria, sendo 25 dos entrevistados, relataram que não se incomodam ou não sentiram o cheiro e que acham importante ter uma lanchonete no local, visto que muitos familiares passam muito tempo no local e torna-se algo mais prático e cômodo para o momento que estão passando. Dos entrevistados, 08 relataram que não perceberam ou que não tem uma lanchonete no local de visita, e outros 08 informaram que não tiveram experiências agradáveis no local, pelo fato de ser distante, não ter muitas opções e por deixar a desejar. Com isso, destaca-se o relato de um dos entrevistados: “Bem. Acho super viável ter uma lanchonete no cemitério, pois muitas vezes não dá pra comer no velório devido à correria que é o processo como um todo”.

Além disso, na temática dos aromas e as percepções provocadas por esse sentido, 25 dos entrevistados recordam-se dos aromas das flores e plantas, 06 entrevistados não se recordam de nenhum aroma. Em relação aos sentimentos recordados ao sentir esses cheiros,

os mais citados foram: saudade, boa sensação, angústia, calma, sentimento agradável, aperto no coração e tristeza. Nesse contexto, pode-se destacar o relato de um dos entrevistados: “cheiros das flores. São recordações de um dia difícil, mas que me faz lembrar do quanto amei/amo aquela pessoa”.

Diante do exposto, podemos inferir que vai ao encontro do conceito abordado por Ciaco (2010), pois, a presença de uma lanchonete ajuda a atender às necessidades de bem-estar e fisiológicas dos usuários. Como citado por Upali Nanda (2008), os sentidos são portas de entrada para nossa própria percepção. O olfato e o paladar, por exemplo, são sentidos que devem ser trabalhados dentro dos espaços cemiteriais quando se fala da existência de lanchonetes nesse tipo de local.

Em relação às sensações que os usuários se recordam de tocar a pele, a sensação de frio foi a mais citada por 15 entrevistados, 07 relataram a sensação quente e 06 informaram que não se recordam. Pode-se destacar nesse contexto a resposta de um dos entrevistados: “Frias, lisas (muito vidro e inox)”.

Deste modo, percebe-se a relação com a fala da autora Lisa Heschong (1979), no contexto do sistema perceptivo háptico, em que, ao criar associações térmicas, temos um ato de um recurso efetivo dentro das relações das pessoas com o ambiente.

Entende-se que no caso da pergunta relacionada às lembranças e imagens que são projetadas nos usuários ao recordarem a experiência nesse tipo de espaço, temos respostas mais individualizadas que não seguem um padrão específico. Não obstante, podemos exemplificar algumas respostas interessantes na relação com os elementos arquitetônicos, como: “Um pé direito alto, um lugar frio e escuro” e “Sim. A natureza. As árvores, o verde.” Existe um contraste e uma dicotomia nítida entre as respostas, o que traduz e revela claramente a importância de se trabalhar os elementos arquitetônicos para suavizar e melhorar a experiência das pessoas que passaram por um processo de luto. Como defendia Sanders (1999), qualquer mínimo detalhe impactará significativamente nas famílias emocionalmente afetadas.

No que se refere aos sons do local e o sentimento ao lembrar desses sons, as respostas para essa pergunta foram diversas. As mais citadas foram: o som do vento nas flores e plantas, barulho de choro, músicas e orações, som dos pássaros e o silêncio. Sendo assim, os entrevistados informaram que através desses sons os sentimentos eram de tranquilidade, paz e acolhimento, saudade e tristeza. Destaca-se a resposta de um dos entrevistados: “barulhos de flores batendo e pássaros voando. A sensação transmitida é de paz e acolhimento”. Nesse contexto, podemos relacionar com o que diz Neves (2011): o sistema auditivo é o responsável

pela orientação através do som e assim podemos nos relacionar com os espaços ao nosso redor.

No que se refere a se encontrar com facilidade no local e o sentimento no processo de entender o espaço, 31 dos entrevistados informaram ter se encontrado com facilidade no local, que o local é bem sinalizado e que possui funcionários para orientá-los caso precisem. Já 11 dos entrevistados informaram ter tido dificuldade para se encontrar e que o local de visita era confuso, a falta de sinalização e orientação foi bastante citado nesse contexto. Sendo assim, destaca-se a resposta de um dos entrevistados de acordo com essa pergunta: “Achei que para localizar as ruas a pessoa precisa de orientação de funcionários. Se for lá a primeira vez a sinalização é falha é fácil de se perder”. Posto isto, podemos relacionar com o que diz Ciaco (2010), cada detalhe projetado deve ser pensado com base na experiência e sentimentos dos usuários daquele espaço.

Em termos gerais, pode-se concluir que a existência de arquitetura humanizada é fundamentais para a elaboração de projetos cemiteriais. Quando se diz respeito ao ambiente que receberá o usuário em momentos de abalo emocional significativo, qualquer detalhe se torna um fator decisivo para uma experiência positiva ou negativa em relação ao ambiente. Logo se infere que a arquitetura sensorial e seus conceitos devem traduzir na prática em estruturas que possam atender os usuários como condições de uma boa estrutura de alimentação, boa estrutura de instalações sanitárias, estacionamentos, espaços amplos entre outros ambientes.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o significado de cada elemento da arquitetura relacionado à experiência das famílias enlutadas dentro dos ambientes cemiteriais caracteriza-se como a principal premissa para construção do entendimento desse estudo. Ao associar tais elementos com os aspectos sensoriais da arquitetura humanizada, concretiza-se ainda mais a estrutura desse trabalho.

Desse modo, ao analisar os espaços cemiteriais, entendemos que esses espaços se contextualizam em diversos níveis com a sociedade, religião e a cultura das cidades, transformando-se em agentes importantes do urbanismo e do desenvolvimento. Desde os tempos mais antigos, os cemitérios acabam por carregar um grande peso cultural dentro da sociedade.

Percebemos que os espaços cemiteriais possuem uma classificação quanto à sua estrutura, proposta de valor e dimensionamento. Os cemitérios podem ser horizontais ou verticais, a depender da sua estrutura física. Além disso, os cemitérios horizontais podem ser do tipo parque, com gramados e um aspecto arquitetônico com elementos mais ligados ao paisagismo. Também podem ser do tipo necrópole com túmulos que se destacam com características diferentes um dos outros, ou até mesmo populares, mais comuns em cemitérios públicos.

Não obstante, foi possível observar que os espaços cemiteriais recebem em seu objeto de existir famílias enlutadas, que necessitam de acolhimento em todas as esferas do serviço, inclusive no próprio ambiente. É nesse sentido que os elementos e conceitos da arquitetura humanizada atuam na prática para que os agentes possam atender o usuário de acordo com suas expectativas e até surpreendê-las.

Além disso, dentro da arquitetura humanizada entendemos que a experiência dos usuários está intimamente ligada às percepções captadas pelos sentidos. Por isso, buscou-se esclarecer de forma mais significativa quais são as percepções advindas da arquitetura sensorial e como elas impactam diretamente na vivência das pessoas.

Destaca-se que, para o desenvolvimento adequado dessa pesquisa e da coleta de dados, a metodologia aplicada foi por meio de entrevistas estruturadas, a fim de compreender a relação subjetiva que os usuários compreenderam de suas visitas. Além disso, também foi realizado um estudo bibliográfico e pesquisa de campo para que, por meio de registros fotográficos e imagens, compreender-se a definição dos espaços cemiteriais onde foram visitados na região metropolitana de São Luís.

A partir da análise dos resultados das entrevistas e da pesquisa aplicada, foi possível inferir que existem diversas correlações entre as respostas recebidas e os conceitos pré-abordados, mostrando claramente que existe um grande potencial de estudo para temática no desenvolvimento de práticas de arquitetura humanizada dentro dos espaços cemiteriais.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. N. de *et al.* **O que amamos, não esquecemos**: um estudo teológico, identitário e cultural dos cemitérios teutos no sul do Brasil. 2015. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/594>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- BELLÉ, A. G.. **Boas práticas na operação de crematórios**. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6931>. Acesso em: 06 jun. 2022.
- BELTRÃO, R. Necrópole: a história de uma cidade silenciosa. **Revista Continente**, 01 nov. 2011. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/131/necropole--a-historia-de-uma-cidade-silenciosa->. Acesso em: 20 mai. 2022.
- BRAGA, L. C. Cemitério vertical reduz custos de jazigos. **Blog do Lauriberto**, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.blogdolauriberto.com/2021/08/cemiterio-vertical-reduz-custos-de.html>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- CARVALHO, L. de. Maringá: Cemitério Parque unifica a natureza, paz e beleza. **O Fato Maringá**, 18 out. 2019. Disponível em: <https://www.ofatomaringa.com.br/blog/ler?link=maringa-cemiterio-parque-unifica-a-natureza-paz-e-beleza>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- CIACO, R. J. A. S. **A arquitetura no processo de humanização dos ambientes hospitalares**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-05012011-155939/publico/Mestrado\\_RicardoCiaci\\_BAIXA.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-05012011-155939/publico/Mestrado_RicardoCiaci_BAIXA.pdf). Acesso em: 19 nov. 2021.
- CRUZ, N. T. *et al.* Cemitérios, crematórios e novas tecnologias fúnebres: impactos ambientais e preferências post-mortem na cidade de Maceió-AL. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**: vol. 6, n. 2, pp. 1058-72, 2015.
- CUSTÓDIO, G. Apenas um cemitério público tem vagas para sepultamento imediato. **O Povo**, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/04/13/apenas-um-cemiterio-publico-tem-vagas-para-sepultamento-imediato.html>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- EDLER, F. A Natureza Contra o Hábito. A Ciência médica do Império. Rio de Janeiro. **Revista Acervo**: Arquivo Nacional, 2011.
- Figueiredo, O. M.. Turismo e lazer em cemitérios: Algumas considerações. In.: **Cultur**: Revista de Cultura e Turismo, 2015. vol. 01: p. 125-142.
- GIACOIA JÚNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, Ribeirão Preto, 2005. p. 13-19.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HESCHONG, L. **Thermal Delight in Architecture**. Cambridge: MIT Press, 1979.

KERLEY, R. Controlling Urban Car Parking - An Exemplar for Public Management. **International Journal of Public Sector Management**. Estados Unidos da América, 2007. Número 20, Volume 6, pp. 519 – 530.

LUCENA, F. História do Cemitério dos Ingleses, o mais antigo do Rio. **Diário do Rio**, 17 fev. 2018. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-cemiterio-dos-ingleses-o-mais-antigo-do-rio/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

MARTIM, A. G. *et al.* Análise da arquitetura tumular do cemitério jardim municipal de Maringá. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - REGET**. Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM. Estado do Paraná, Santa Maria, v. 20, n 1, jan.-abr.2016. p. 475-486.

MATOS, B.A. **Avaliação da ocorrência e do transporte de microrganismos no aquífero freático do cemitério de Vila Nova Cachoeirinha, município de São Paulo**. São Paulo - SP: Universidade de São Paulo - Instituto de Geociências. Tese de Doutorado, 2001.

MIRANDA, K.M. **Neuroarquitetura aplicada ao ambiente hospitalar de atendimento à crianças**. 2021. Disponível em: <http://ojs.faculdadeamerica.edu.br/index.php/repositoriottcc/article/view/31/29>. Acesso em: 25 set. 2021.

NANDA, U. **Sensthetics: a crossmodal approach to sensory design**. Saarbrücken, Germany: VDM Verlag Dr. Müller, 2008.

NEVES, J. **Sobre projetos para todos os sentidos: contribuições da arquitetura para o desenvolvimento de projetos dirigidos aos demais sentidos além da visão**. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2011. 146 f. Disponível em: [https://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0912497\\_2011\\_pretextual.pdf](https://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0912497_2011_pretextual.pdf). Acesso em: 26 abr. 2022.

PACHECO, A. **Meio Ambiente & Cemitérios**. São Paulo: Senac São Paulo, 2012. 191 p.

PAIVA, A. de. **Neurociência para Arquitetura: Como o design de edifícios pode influenciar comportamentos e desempenho**. 2018. 27 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Fundação Getúlio Vargas, FGV, Instituto de Desenvolvimento Educacional, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://ojs.faculdadeamerica.edu.br/index.php/repositoriottcc/article/view/31/29>. Acesso em: 25 set. 2021.

PENZ, Jonas Francisco. **Estudo de viabilidade econômico-financeira, social e ambiental de cemitério privado na cidade de Ijuí RS**. 2012. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/837/Artigo%20Jonas%20F%20Penz%20MBA%20Gest%20c3%a3o%20Empres%20c3%a1rial.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2021.

QUEIROZ, F.; RUGG, J. **The development of cemeteries in Portugal c. 1755-c. 1870**. Mortality, v. 8, n. 2, 2003, p. 113-128.

RIBEIRO, A. L. R. **Cultura, memória e arquitetura urbano-cemiterial no sul da Bahia**. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01//1548772006\\_c3fd2b6824b2193f674e5bd65f0954c2.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01//1548772006_c3fd2b6824b2193f674e5bd65f0954c2.pdf). Acesso em: 19 nov. 2021.

RICARDO, J. Passeio por cemitério conta história de personalidades do Maranhão. **G1**, 13 nov. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/11/passeio-por-cemiterio-conta-historia-de-personalidades-do-maranhao.html>. Acesso em: 20 mai. 2022

SANDERS, C. M. **Grief: The mourning after - dealing with adult bereavement** (2nd ed.). New York: John Wiley & Sons, inc, 1999. Acesso em: 18 set. 2021.

SÃO LUÍS, J. São Luis, o Cemiterio São Pantaleão é um Museu a céu aberto. **Explore São Luís**, 13 out. 2013. Disponível em: <http://exploresaoluis.blogspot.com/2015/10/sao-luis-o-cemiterio-sao-pantaleao-e-um.html>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Como montar uma funerária**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/comomontar-uma-funeraria,37b87a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 25 set. 2021.

SINCEP. **Cremações estão em alta**. Disponível em: <http://www.sincep.com.br/portallpt/cremacoes-estao-em-alta/>. Acesso em: 18 set. 2021.

SOUSA, A. Paradeiro final: 10 figuras históricas que estão enterradas em São Paulo. **AH – Aventuras na História**, 25 jan. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/paradeiro-final-10-figuras-historicas-que-estao-enterradas-em-sao-paulo.phtml>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SYNNOTT, A. Puzzling over the senses: from Plato to Marx In: HOWES, D. (org) **The varieties of sensory experience**. Toronto: University of Toronto Press, 1991.

VESSONI, E. História em Pauta: caixões imperiais são destaques de Viena, na Áustria. **Viagem em Pauta**. Disponível em: <https://viagemempauta.com.br/2018/10/07/historia-em-pauta-caixoes-imperiais-sao-destaques-de-viena-na-austria/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

ZUMTHOR, P. **Atmospheres: architectural environments surrounding objects**. Basel: Birkhäuser, 2006.

#### Sites:

PARQUE DA SAUDADE. Disponível em: <https://parquedasaudadema.com.br/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

PAX UNIÃO GRUPO EMPRESARIAL. Disponível em: <https://grupopaxuniao.com.br/home/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

MEMORIAL PAX UNIÃO (PAÇO DO LUMIAR). <http://wikimapia.org/16856280/pt/Memorial-Pax-Uni%C3%A3o>. Acesso em: 25 mai. 2022.

HOMENAGEM FÚNEBRE. Disponível em: <https://homenagemfunebre.com.br/cemiterios/MA/cemiterioparquedasaudade/cemiterioparquedasaudademaranhao.html>. Acesso em: 25 mai. 2022.

COMPLEXO SALVATORE. Disponível em: <https://complexosalvatore.com.br/complexo-salvatore/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

## **APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **CENTRO UNIVERSITÁRIO**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a), como voluntário (a), para participar desta pesquisa que tem como principal finalidade Analisar o impacto da arquitetura na percepção de luto dos usuários de espaços cemiteriais. O benefício que esse trabalho poderá trazer a você não é direto e imediato, mas os resultados podem contribuir para o conhecimento da relação pessoa/ambiente na área de estudo da Arquitetura e Urbanismo. A pesquisa apresenta risco mínimo aos participantes, entretanto, caso você se sinta desconfortável ou incomodado (a) com o conteúdo das perguntas, poderá interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou penalidade. Pela participação nesse estudo não será recebido qualquer valor em dinheiro. É garantido o sigilo do seu nome e das informações pessoais coletadas, sendo que os resultados finais poderão ser apresentados na forma de trabalho de conclusão de curso, artigos científicos e apresentações em congressos. Para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, o pesquisador responsável Maryna de Matos Gomes coloca-se à disposição pelos contatos (98) 98826-0537 ou e-mail: gomesmaryna15@gmail.com. Ao concordar em participar da pesquisa, você permite que os dados sejam utilizados como base da pesquisa, que a entrevista possa ter seu áudio gravado e que o registro fotográfico dos elementos necessários possa ser feito, caso seja necessário, com aviso prévio pelo pesquisador. Após esses esclarecimentos, solicita-se o seu consentimento em participar da pesquisa através do preenchimento dos seguintes termos nas duas cópias do presente termo. Uma delas ficará com você e a outra com o pesquisador responsável. Por favor, não preencha caso ainda haja alguma dúvida quanto à pesquisa.

#### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista os itens apresentados acima, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos nesse estudo.

CONCORDO

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

- Nome (opcional)
- Idade
- Gênero
- Local da visita em que você viveu a experiência. (ex. Cemitério ou funerária Jardim da Paz, Pax união, Gavião e etc.)
- Motivo da visita
- Turno da visita
- Como você se sentiu ao utilizar as instalações sanitárias (banheiros) no seu momento de luto? Tem algum comentário ou sugestão?
- Como você se sentiu ao passar pelo processo de procurar uma vaga no estacionamento do local em seu momento de luto? Tem algum comentário ou sugestão?
- Como você se sentiu ao perceber uma lanchonete no local em seu momento de luto? Como você percebe o cheiro de comida nesse contexto?
- No dia de sua visita ao local quais aromas lhe vem a mente? Como você se sente em relação a eles?
- No dia de sua visita quais as sensações você recorda de tocar a sua pele? Diga se frias, quentes, ásperas, macias.
- Quais imagens do local lhe vem a sua mente ao lembrar da sua visita? Há alguma característica da arquitetura que lhe salta a memória?
- Quais sons do local lhe vem a memória? Quais sentimentos em relação a esses sons lhe vem a mente?
- Você conseguiu se encontrar com facilidade neste local? Como você se sentiu nesse processo de entender o espaço?